

## O AUTOR INSTAURADO EM MANUSCRITOS QUINHENTISTAS

Silas Gutierrez (PUC-SP)

**RESUMO:** O trabalho examina a posição avaliativa do autor tendo como base os estudos sobre Historiografia Linguística desenvolvidos por Koerner (1978, 1995) e conceitos sobre autoria extraídos do Círculo Bakhtiniano (1976, 1995, 2002). Para isto, utilizaremos como corpus o Tratado intitulado *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias* produzido pelo jesuíta Fernão Cardim em viagem ao Brasil na metade do século XVI. Demonstraremos como se instaura, no texto, a relação assimétrica entre jesuíta e índio, confirmando os padrões de relacionamento próprios da Europa do século XVI.

**PALAVRAS-CHAVE:** Relato. Autor. Literatura.

**ABSTRACT:** The paper examines the evaluative position of the author based on the studies of Linguistic Historiography developed by Koerner (1978, 1995) and concepts on authorship extracted from the Bakhtin Circle (1976, 1995, 2002). For this purpose, we will use as a *corpus* the treatise titled "On the principle and origin of the Indians of Brazil and their customs, worship and ceremonies", produced by the Jesuit Fernão Cardim during a trip to Brazil in the middle of the sixteenth century. We will demonstrate how the asymmetrical relationship between Jesuit and Indian are established in the text; hence, confirming the patterns of relationship proper to sixteenth-century Europe.

**KEYWORD:** Reporting. Author. Literature.

### 1 INTRODUÇÃO

Analisar a posição avaliativa de um autor, tendo em mãos um documento supostamente escrito entre 1583 e 1601, exige-se uma metodologia apropriada.

O Tratado intitulado *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias* foi elaborado pelo jesuíta Fernão Cardim. Segundo Gutierrez (2015), esse jesuíta viveu cerca de 50 anos no Brasil<sup>1</sup>, no final do século XVI, exercendo as funções de Secretário do Padre Visitador Cristovão de Gouveia, Educador e Reitor dos Colégios da Bahia<sup>2</sup> e Rio de Janeiro, Provincial do Brasil da Companhia de Jesus e Procurador da Província do Brasil. Padre Antonio Vieira, seu discípulo, engrandece a figura do Reitor citando-o várias vezes.<sup>3</sup>

---

<sup>1</sup> Cardim faleceu aos 85 anos em Salvador.

<sup>2</sup> Exerceu a função de educador e reitor do Colégio da Bahia por 21 anos.

<sup>3</sup> Vide o necrológio escrito pelo Pe. Antonio Vieira, resumindo-lhe a vida como a de "um educador verdadeiramente religioso e de vida inculpável, mui afável e benigno e em especial com seus súbditos", in *Annua*

Holanda (1992) faz um único e breve comentário sobre a escrita *cardianiana*<sup>4</sup>: “Não era apenas a visão edênica do *Novo Mundo*, usual por parte dos escritores quinhentistas, mas uma apreciação extremamente apurada do território brasileiro e de suas potencialidades”.

Cardim não é, usualmente, citado nas obras portuguesas referentes ao Brasil, sua obra mereceria, também, uma maior divulgação em Portugal, pois vivenciou inúmeros acontecimentos sociopolíticos do final do século XVI, contribuiu para a formação da Literatura de Viagens<sup>5</sup> e para o estudo da *História do Brasil* em sua fase inicial.

Seus escritos mantiveram-se desconhecidos durante três séculos, só vindo, em parte a serem divulgados no século XIX<sup>6</sup>, alguns textos *cardianianos* ainda não foram editados.

Para este trabalho, o tratamento dado à observação de memórias, identidades e projeções deve estar claro para que a pesquisa se desenvolva coerentemente. Sendo assim, iniciamos nosso estudo, apresentando o conceito, neste trabalho, de documento histórico.

## 2 DOCUMENTO HISTÓRICO

O termo histórico nos remete a um determinado distanciamento no tempo, materializado<sup>7</sup> em uma linguagem, podendo ser desde uma reconhecida obra de arte até um bilhete sem autoria. Ao documentar um fato em uma linguagem tem-se um complexo *corpus* para análise, pois a linguagem sendo social, histórica, cultural, deixa entrever singularidades sempre afetadas, alteradas, impregnadas pelas relações que as constituem. Uma mesma frase realiza-se em um número infinito de enunciados, uma vez que a frase ganhará sentido diferente nessas diferentes realizações enunciativas (BRAIT, 2010, p. 80).

Uma escritura imobiliária lavrada no ano vigente não tem valor histórico, mas um comprovante de compra e venda de escravos do século XVI passa a ser um labiríntico documento a ser lido, pois demanda uma metodologia<sup>8</sup> apropriada.

---

da Província do Brasil dos anos de 1624 e 1625, publicada nos Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1827, XIX, p.187.

<sup>4</sup> Expressão, nossa, usada para nomear a escrita de Fernão Cardim.

<sup>5</sup> Literatura constituída por relatos e cartas de viajantes durante a expansão ultramarina. Como exemplos citamos Hans Staden, Jean de Lery, Pero de Magalhães Gândavo, Gabriel Soares de Sousa.

<sup>6</sup> Os textos foram publicados em Portugal por Francisco Adolfo Varnhagen em 1847.

<sup>7</sup> Por isso, o termo documento, pois materializa, documenta algo.

<sup>8</sup> Sobre a metodologia, abordaremos no tópico sobre Historiografia Linguística.

A dificuldade centraliza-se na posição avaliativa de quem realiza a leitura do documento, uma vez que não se busca uma *verdade* ou *realidade* de um fato, mas uma interpretação adequada com a metodologia que o pesquisador se propõe utilizar.

Importante frisar que o enfrentamento de fenômenos linguístico-históricos deve ser norteado por uma pergunta e subsidiado por um apropriado suporte teórico. É comum a resposta da pesquisa surpreender o próprio pesquisador, contrariando sua hipótese, pois este, como dissemos, não busca uma *verdade*, mas um resultado que dialoga coerentemente com princípios teóricos.

A leitura superficial leva a interpretações desautorizadas, desconsiderando elementos importantes da pesquisa. Por exemplo, a palavra *viagem* no século XVI tem um sentido de mudança de vida, obrigação político-militar. No século XXI, pode significar status da classe média, pacote turístico vendido em agências, passatempo.

A expansão do significado das palavras *soldado*, *religião* e *guerra*, no final da Idade Média, está distante de nossa atualidade e sua definição requer um estudo extralinguístico. Por isso, um artigo que versa sobre Historiografia Linguística demanda uma explanação sobre o contexto sociopolítico, pois se trata de uma questão que, logicamente, não explica a obra pesquisada, mas é uma das bases fundamentais que dialogam com o *corpus* da pesquisa. Nesse sentido, Koerner (1978) ressalta a importância de saber selecionar o recorte histórico que atravessa o *corpus*.

O falante, ao dar vida à palavra com sua entoação, dialoga diretamente com os valores da sociedade, expressando seu ponto de vista em relação a esses valores. São esses valores que devem ser entendidos, apreendidos e confirmados ou não pelo interlocutor. A palavra dita, expressa, enunciada, constitui-se como produto ideológico (STELLA, 2010, p. 178).

Outro dado importante é o distanciamento do leitor/pesquisador em relação aos valores e crenças perpetuados no documento. Traçar uma opinião sobre os processos da Santa Inquisição ou as condições subumanas do sistema escravocrata, sem fundamentação teórica, baseada em valores pessoais, pode desorientar o andamento da pesquisa científica.

Lendas, novelas de cavalaria e cantigas são exemplos de leituras que evocam um mundo diferente do leitor, expõem comportamentos curiosos, objetivos exóticos e reproduzem imagens e gravuras. Daí o risco de uma conclusão precipitada, de um parecer que reduz ou exagera um fato histórico.

Enfim, a prática historiográfica viabiliza-se ao posicionar o olhar do pesquisador sobre inúmeras formas de interação que o documento propicia: costumes, hábitos, crenças, o próprio vocabulário e a organização frasal que compreendem o documento. Seguimos, tratando das condições de produção do relato quinhentista.

### **3 O RELATO QUINHENTISTA**

Alguns manuais<sup>9</sup> de redação apregoam que relato é o ato de descrever sobre um determinado fato ou contar um ocorrido. Nessa direção, o relato está centralizado na própria escrita, no texto-produto. Esses manuais descartam as condições de produção e tomam sua estrutura como autônoma para a interpretação.

Relatar, em nossa perspectiva, é um ato assumido pelo locutor que narra algo para um interlocutor ausente ou, caso presente, não tenha testemunhado as observações do relator. Portanto, as circunstâncias de produção conferem autoridade ao autor.

O fato descrito é um objeto de análise, portanto, um signo social revestido ideologicamente por princípios e crenças inerentes ao momento social, cultural e político do ocorrido. Daí a importância das condições de produção do instrumento em análise.

Portanto, o relato é uma atividade avaliativa inserida dialogicamente em seu tempo e cultura. O ato de relatar define, também, a posição do locutor diante de seu objeto de análise que não é imposta somente pela sociedade, pois segundo Voloshinov (1976) o sujeito não sendo subjugado é uma consciência que se forma pelo diálogo com outras consciências dentro e fora de seu tempo.

Pois bem, no século XVI, o relato, além da pintura, poesia e música, era a única forma de registrar ou eternizar um fato. Esse dado confere ao manuscrito quinhentista um instrumento de competência e poder.

---

<sup>9</sup>GOULART, A. M. Manual de redação. São Paulo: Planeta Internacional, 2005.  
AQUINO, R. Manual de português e redação jurídica. Rio de Janeiro. Impetus, 2010.

Não havia circulação dos relatos entre a população portuguesa. A sociedade do XVI era, predominantemente, analfabeta e apenas uma pequena parcela com acesso a textos determinados pela Igreja. Logo, havia poucos leitores críticos habituados com a produção de textos escritos. Esse aspecto atribui credibilidade ao relato pois distancia-se do saber popular, evitando críticas, comparações e indagações, conferindo soberania a quem escreve, pois parte desse instrumento a veiculação de valores.

O relato quinhentista instaura um autor que surge no texto processo e produto por meio de valores pincelados nas palavras, ditas ou escritas, que valoram determinadas ações. Esse autor não é visto como um ser biológico, mas como um sujeito que se descobre pouco a pouco pela veiculação de sentidos. Para ilustrarmos estas ideias, passemos ao corpus deste artigo.

#### **4 O MANUSCRITO CARDIANIANO**

Analisaremos o manuscrito do jesuíta Fernão Cardim sobre sua visita, em 1583, pelas capitanias de Pernambuco, Salvador, Ilhéus, Espírito Santo e Rio de Janeiro. Esse documento relata a vida na colônia portuguesa e enfatiza os hábitos e costumes indígenas de algumas tribos e o relacionamento entre elas.

O tratado intitulado *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias* juntamente com outro<sup>10</sup> elaborados por Cardim foram publicados apenas em 1625 por Samuel Purchas em Londres, sendo impressos em língua portuguesa somente em 1885 por Capistrano de Abreu em Portugal. Os dois manuscritos compreendem a obra *Tratados da Terra e Gente do Brasil*.

Cardim elaborou, também, durante seu período no Brasil Colonial, inúmeras cartas ao Provincial da Companhia de Jesus em Lisboa. Algumas se encontram arquivadas na Torre do Tombo e conservam-se inéditas.

Para análise, separamos um fragmento do manuscrito intitulado *Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias*. Seleccionamos, especificamente, o que trata da relação dos índios com suas famílias e entre tribos para

---

<sup>10</sup>Tratado intitulado *Do Clima e Terra do Brasil e de algumas cousas notáveis que se acham na terra como no mar* produzido na mesma época por Fernão Cardim.

analisarmos como se instaura, na construção do outro a identidade do autor. Segue o fragmento (1980, p. 87, 88 e 89):

*Do princípio e origem dos índios do Brasil e de seus costumes, adoração e cerimônias:* Este gentio parece que não tem conhecimento do princípio do Mundo, do dilúvio parece que tem alguma notícia, mas como não tem escrituras, nem caracteres, a tal notícia é escura e confusa; porque dizem que as águas afogaram e mataram todos os homens e que somente um escapou em riba de um Janipaba, com uma sua irmã que estava prenhe e que estes dois têm seu princípio e que dali começou sua multiplicação.

*Dos casamentos:* Entre eles há casamentos, porém há muita dúvida se são verdadeiros, assim por terem muitas mulheres, como por deixarem facilmente por qualquer arrufo, ou outra desgraça que entre eles aconteça; mas verdadeiros ou não, entre eles se faziam deste modo. Nenhum mancebo se acostumava casar antes de tomar contrário, e perseverava virgem até que o tomasse correndo-lhe primeiro suas festas por espaço de dois ou três anos; a mulher da mesma maneira não conhecia homem até lhe não vir sua regra, depois da qual lhe faziam grandes festas; ao tempo de lhe entregarem a mulher faziam grandes vinhos, e acabada a festa ficava o casamento perfeito, dando-lhe uma rede lavada e depois de casados começavam a beber, porque até ali não o consentiam seus pais, ensinando-os que bebessem com tento e fossem considerados e prudentes em seu falar, para que o vinho não fizessem mal, nem falassem cousas ruins e então com uma cuia lhe davam os velhos antigos o primeiro vinho e lhe tinham a mão na cabeça para que não *arrevessassem*, porque se *arrevessava* tinham para si que não seria valente e vice-versa.

*Do modo que têm em comer e beber:* Este gentio come todo o tempo, de noite e de dia e a cada hora e momento e como tem que comer não o guardam muito tempo, mas logo comem tudo o que têm e repartem com seus amigos, de modo que de um peixe que tenham repartem com todos e têm por grande honra e primor serem liberais e por isso cobram muita fama e honra e a pior injúria que lhes podem fazer é os terem por escassos e quando não têm que comer são muito sofridos com fome e sede.

Não têm dias em que comam carne e peixe; comem todo gênero de carnes, ainda de animais imundos como cobras, sapos, ratos e outros bichos semelhantes e também comem todo gênero de frutas, tirando algumas peçonhentas, e sua sustentação é ordinariamente do que dá a terra sem a cultivarem, como caças e frutas; porém têm certo gênero de mantimentos

de boa substância e sadio e outros muitos legumes de que abaixo se fará menção. De ordinário não bebem enquanto comem, mas depois de comer bebem água ou vinho que fazem de muitos gêneros de frutas e raízes, como abaixo se dirá, do qual bebem sem regra, nem modo e até caírem.

Têm alguns dias particulares em que fazem grandes festas, todas se resolvem em beber, e duram dois, três dias, em os quais não comem, mas somente bebem e para estes beberes serem mais festejados andam alguns cantando de casa em casa, chamando e convidando quantos acham para beberem e revezando-se continuam estes bailes e música todo o tempo dos vinhos, em o qual tempo não dormem, mas tudo se vai em beber e de bêbados fazem muitos desmanchos e quebram as cabeças uns aos outros e tomam as mulheres alheias. Antes de comer nem depois não dão graças a Deus, nem lavam as mãos antes de comer e depois de comer as limpam aos cabelos, corpo e paus; não têm toalhas, nem mesa, comem assentados ou deitados nas redes ou em cocaras no chão e a farinha comem de arremesso e deixo outras muitas particularidades que têm no comer e beber porque estas são as principais.

Assim, como já dissemos, a análise de um texto histórico requer, da parte do analista, uma metodologia de leitura e um posicionamento do lugar do presente em que se observa o passado.

Nesse sentido, reiteramos a relutância do pesquisador em *Historiografia Linguística* (doravante H. L.) em elaborar uma metodologia propícia para a estruturação de sua pesquisa. Para isto, apresentamos brevemente alguns conceitos sobre H. L. para compreendermos sobre as questões que envolvem a metodologia citada.

## **5 HISTORIOGRAFIA LINGUÍSTICA**

A H. L. compreende a língua em uso, em seu processo interativo, considerando o texto produto e processo. Trata-se de uma disciplina que dialoga com outras, porém mais especificamente com a História.

Seu objetivo fundamental é descrever e explicar fenômenos histórico-linguísticos em suas mais diferentes semióticas. Portanto, sua atenção volta-se para a escolha do suporte teórico que subsidiará a análise, já que seu foco está no processo de interpretação.



Creemos que ajustar ou configurar a posição avaliativa do pesquisador seja o desafio da H. L. uma vez que o impulso nos leva a emitir juízos baseados em impressões.

A posição avaliativa, neste artigo, trata-se do autor-enunciador instaurado no próprio texto, não se trata de uma pessoa física, não se busca um estudo biográfico para descobrir quem é o autor, pois a pesquisa biográfica é outro texto inserido em um determinado tempo ideologicamente marcado.

Valores, crenças e ideias inseridos no texto revelam, como já dito, uma consciência em relação dialogal com outra e esta tensão se materializa na linguagem. Os atributos do autor-enunciador aparecem despejados nos sentidos das palavras que estão esmaltadas por valores intrínsecos do autor.

Esses valores não são considerados como da personalidade do autor-pessoa<sup>11</sup>, mas emergem no texto como pertencentes ao autor-enunciador que surge na materialidade linguística como agente produtor de sentidos vinculados à fatores históricos e socioculturais.

O leitor-enunciatário, também, não é visto como uma pessoa física. Este é previsto no próprio texto, a linguagem evoca esse leitor que dialoga com tensões ideológicas presentes na malha discursiva. Nesse sutil e tenso espaço dialogal tem-se um amaranhado de fios revestidos de crenças, valores e ideias que formam uma cadeia nodular que deve ser desembaraçada.

Koerner (1995) propõe a operacionalização de três princípios para os estudos linguístico-historiográficos: o da imanência (em que predominam a seleção e ordenamento dos documentos relevantes para a pesquisa); o da adequação teórica (que privilegia a importância em saber articular teoria e *corpus*) e; da contextualização.

As ideias do Círculo Bakhtiniano (1976, 1995, 2002) se situam no campo historiográfico deste trabalho, por se tratar de um método específico<sup>12</sup> e adequado para este tipo de análise.

Para a operacionalização de um estudo com base historiográfica faz-se necessário, como dissemos, um levantamento amplo do contexto da época para situar o pesquisador no tempo.

---

<sup>11</sup> Ocupamo-nos de conceitos extraídos do Círculo Bakhtiniano (2002).

<sup>12</sup> A expressão método específico refere-se ao arcabouço filosófico desenvolvido pelo Círculo Bakhtiniano, em particular, no período que abrange as discussões entre 1924 e 1929.



Apresentamos, na sequência, o contexto histórico não como mera especulação, mas para tentarmos configurar a dimensão sociocultural em que se desenvolveu o pensamento linguístico inserido no documento para, então, debruçarmos na análise efetiva do *corpus*.

## 6 ANÁLISE DE DADOS

Interessa-nos a apreensão da mentalidade das ideias desse período para contextualizarmos as formas de produção, circulação e recepção de textos e apreendermos o clima de opinião que permeia esta época.

Embora a cidade de Lisboa, do início do XVI, seja tomada por ideias humanistas, movimentações artísticas, estabelecimentos de núcleos comerciais, centros de pesquisas em engenharia naval para os avanços na expansão marítima; e, ainda, um homem retido em uma sociedade organizada em uma estrutura feudal decadente.

Nessa direção, depreendemos um homem atravessado por ideias humanistas, mas reorganizado em uma sociedade cujo cenário é decorado com traços medievais. Em outras palavras, a pressão do cristianismo, do protestantismo, os inúmeros domínios do saber e a organização social lisboeta caracterizada pela mescla de mouros, judeus, escravos africanos constituem uma identidade em transição deste português do século XVI.

Em particular, em se tratando dos jesuítas da Companhia de Jesus, estes se envolvem no sabor das ideias humanistas, apreendendo a análise puramente racional, a pesquisa epistemológica, as artes e as pesquisas tecnológicas. Contudo, a base de seus estudos foi estruturada pela filosofia escolástica e o método pedagógico elaborado pela Companhia de Jesus é predominantemente catequista. Observa-se, portanto, um homem indeterminado e em desacordo com seu tempo.

Tais considerações indicam que temos em Lisboa um espaço multicultural: muitos judeus migram à Lisboa para dedicarem-se a atividades financeiras; trabalhadores rurais e estrangeiros acercam-se atraídos pelas atividades portuárias; artistas, poetas, músicos e estudantes são suscitados pela atmosfera humanista; cristãos e protestantes ocupam o mesmo espaço e os escravos africanos compõem o intenso processo de transmigração na cidade.

No caso do jesuíta, enviado como missionário para diversas regiões, tem-se um homem preparado para percorrer por inúmeras culturas. Daí observa-se um jesuíta português-

asiático, brasileiro, africanizado pelos intercâmbios que o projeto de expansão marítima proporciona. São inúmeros espaços multiculturais formados nesse período. As embarcações, por exemplo, ilustram micro espaços multiculturais prolongados por meses durante as viagens de descobrimento.

Portanto, considerando as características acima arroladas, constata-se um homem indefinido em seu tempo, entrecortado por uma intensa religiosidade e envolvido por ideias e saberes que vinculam em seu espaço. Este homem aparece na estrutura do relato quinhentista. Passemos a discutir as particularidades desta composição.

Mediante o manuscrito, observamos que a construção da identidade do índio dá-se por meio da comparação inferior em relação ao saber do jesuíta. Vejamos os exemplos (1) e (2)<sup>13</sup>:

(1) “... Este gentio parece que não tem conhecimento do principio do mundo, do dilúvio parece que tem alguma noticia, mas como não tem escrituras, nem caracteres, a tal noticia é escura e confusa; porque dizem que as águas afogarão e matarão todos os homens, e que somente um escapou em riba de um Janipaba, com uma sua irmã que estava prenhee que estes dois têm seu principio, e que dali começou sua multiplicação...” (p. 87).

(2) “...Usão de alguns feitiços, e feiticeiros, não porque creiãoelles, nem os adorem, mas sómente se dão a chupar suas enfermidades, parecendo-lhes que receberão saúde, mas não por lhes parecer que há nelles divindade, e mais o fazem por receber saúde que por outro algum respeito. Entre elles se alevantarão algumas vezes alguns feiticeiros, a que chamão Caraíba, Santo ou Santidade, e é de ordinário algum Indio de ruim vida: este faz algumas, feitiçarias, e cousas estranhas à natureza...” (p. 88).

O papel do jesuíta, como educador, justifica-se pelo tipo de trabalho e costumes do índio. Afinal, os hábitos indígenas, apresentados como subversão, demonstram-se distintos em relação às práticas ensinadas pela Igreja. Daí a importância de instrumentos de catequização utilizados pelos padres na segunda metade do século XVI nas colônias portuguesas, como as práticas de oração, batismo, procissão entre inúmeras outras.

---

<sup>13</sup> Importante salientar que os exemplos foram retirados na íntegra, algumas palavras, letras, sinais de pontuação, podem causar estranhamento para o leitor do século XXI.

A ação do jesuíta remete-se a uma voz social que opina sobre a situação do homem *não-cristão*. A singularidade do discurso jesuítico é construída em meio a múltiplas vozes sociais que permeiam a Europa do XVI.

As escolhas lexicais de Fernão Cardim são impregnadas por tonalidades culturais e sociais que ao estilhaçarem-se em fios ideológicos constituídos por valores e crenças criam relações de sentidos no interior da sociedade colonial portuguesa.

Importante salientar que a construção discursiva da identidade indígena pelo jesuíta não é elaborada em uma dimensão particular, individual; mas em relações dialógicas em acordo e/ou confronto com o grupo social.

Os manuscritos dos jesuítas no século XVI eram direcionados aos superiores da Ordem. Portanto, os interlocutores desse Tratado, reais ou presumidos, compartilham a mesma posição axiológica. O espectro de valores e crenças no Tratado de Cardim está consubstanciado nos pontos de vista de seus leitores. O padre apenas recorta e reorganiza em seu texto.

Ao contrário, se os posicionamentos verbo-axiológicos não se interseccionassem entre Cardim e seus leitores, haveria não apenas uma quebra de expectativa, mas possivelmente, poderíamos inferir que Cardim estivesse imerso em conflito com outras vozes exteriores, reconfigurando seu contexto social e histórico. Já que

em uma obra se unem os elementos linguísticos-textuais e a situação extra-verbal em que o discurso é produzido, as circunstâncias histórico-sociais de tempo e espaço, nos termos de uma dada orientação de produção de sentidos. Essa orientação depende da relação específica entre os interlocutores envolvidos na situação e destes com o herói, ou seja, é o resultado dinâmico de uma atividade autoral dialógica a que se fazem presente o conteúdo, o material e a forma, o composicional e o arquitetônico, o linguístico e o enunciativo, o verbal e o extra-verbal (SOBRAL, 2009, p. 120).

Tem-se, nesse Tratado, um autor-criador, que surge na e da própria estrutura composicional, da relação com seus interlocutores e com o assunto abordado. Enfim, percebemos o autor ao identificarmos o ângulo axiológico que emerge do texto.

Especificamente, o Tratado de Cardim sendo uma transfiguração não estética do mundo, assume de modo permanentemente negociado posições que refratam seu mundo.

Nosso *corpus* não representa objetivamente o real, mas uma realidade de discurso. Fernão Cardim é visto, aqui, como agente discursivo, seus enunciados estruturam e

mobilizam sentidos, caracterizando um produto ideológico por excelência, constituído de recortes semióticos que apontam para uma dada direção.

Nos fragmentos (1) e (2) sobressai a visão luso-excêntrica da cultura indígena. Os enunciados trazem marcas do contexto social e histórico, perfazendo as condições pragmáticas em que foi produzido. Importante salientar que na segunda metade do século XVI, a religião fornece significado e valor a existência e revela a origem do homem por meio de uma história sagrada e verdadeira para os cristãos. Reiteramos que o europeu do século XVI tem uma relação distinta com a religião, comparada com a do homem atual do Ocidente. Este opta por um seguimento religioso conforme suas convicções, já para aquele ter uma religião é uma condição existencial.

Portanto, causa estranhamento ao padre, as crenças religiosas do índio. A Companhia de Jesus, ordem dos jesuítas, tinha como princípio a salvação das almas por meio da obediência aos dogmas da Igreja Católica e condenava teologias e cultos que desviassem dos propósitos da fé cristã.

Assim, a situação extraverbal está longe de ser meramente a causa externa de um enunciado – ela não age sobre o enunciado de fora, como se fosse uma força mecânica. Melhor dizendo, a situação se integra ao enunciado como uma parte constitutiva essencial da estrutura de sua significação. Consequentemente, um enunciado concreto como um todo significativo compreende duas partes: (1) a parte percebida ou realizada em palavras e (2) a parte presumida [...] A característica distintiva dos enunciados concretos consiste precisamente no fato de que eles estabelecem uma miríade de conexões com o contexto extraverbal da vida e, uma vez separados deste contexto, perdem quase toda a sua significação – uma pessoa ignorante do contexto pragmático imediato não compreenderá estes enunciados (M.BAKHTIN, VOLOSHINOV, p. 06, 1995).

Os jesuítas espalharam-se pelo mundo. Por meio de navegações atravessaram corajosamente os mares chegando a terras totalmente estranhas para a difusão do catolicismo. Com o apoio do Papa III, do rei de Portugal e de Ignácio de Loyola os jesuítas compactuavam valores, ideias e crenças fortemente institucionalizadas, eram tidos como soldados de Cristo, por guerrearem em nome de Deus. Sendo assim, partindo desse centro contextualizador, tem-se, também, nos fragmentos (1) e (2) uma representação de modos de dizer e organizar o mundo em linguagem.

A importância do catequizador surge nas menções sobre o tema do relacionamento afetivo. A Companhia de Jesus obedecia aos decretos emitidos pelo Concílio de Trento (1545-1563). Trata-se do 19º Concílio Ecumênico que estabelecia como heresia o casamento fora dos padrões estabelecidos pela Igreja Católica. Nessa direção, o texto adquire forte poder argumentativo por estar coerente com as ideias predominantes da Igreja, observemos o fragmento (3):

(3) “... Entre eles há casamentos, porém há muita dúvida se são verdadeiros, assim por terem muitas mulheres, como pelas deixarem facilmente por qualquer arrufo, ou outra desgraça, que entre elles aconteça...” (p. 87).

(4) “... chamando e convidando quantos acham para beberem e revezando-se continuam estes bailos e música todo o tempo dos vinhos, em o qual tempo não dormem, mas tudo se vai em beber, e de bêbados fazem muitos desmanchos e quebram as cabeças uns aos outros e tomam as mulheres alheias...” (p. 88).

No exemplo (3), os jesuítas, representantes de uma ordem que aprova o matrimônio monogâmico, direcionado à procriação e concretizado mediante uma cerimônia religiosa, desconsidera e julga publicamente pecaminoso, pelas leis do Santo Ofício, qualquer outro tipo de união. Por isso, há dúvidas se são verdadeiros ou falsos.

Para o Círculo Bakhtiniano (2002), é na interioridade da palavra onde se armazenam história, memória, valores sociais e culturais. Este aspecto funda e determina um contexto axiológico-entonacional, engendrando a produção de sentidos. Dessa forma, a palavra é considerada um meio de transmissão em que reflexos ideológicos inscrevem-se em seu embasamento constitutivo, compondo um projeto enunciativo construído pela posição axiológica instaurada no texto, promovendo efeitos de sentido.

O cenário enunciativo estruturado no exemplo (3) configura uma criação ideológica que determina um domínio de poder do discurso jesuítico.

Qualquer atitude, hábito ou costume que não se adequava aos princípios da fé católica eram condenados pela Santa Madre Igreja. No fragmento (4) o espanto dos padres não se dá pelos riscos dos excessos da bebida nem da promiscuidade do festejo. Mas da falta de controle que isto poderia causar.

Não havia normas de comportamento. Cartas de Nóbrega<sup>14</sup> ao Provincial de Portugal denunciam que a nudez das índias, o atrevimento de índios e escravos e o desinteresse dos colonos durante a missa proporcionavam escândalos.

Alguns assistiam à missa deitados com índias, amontoados com escravas, além de brigas e bebedeiras que fugiam do controle dos jesuítas. Para reelaboração de condutas para missa, o Provincial de Portugal sugeriu que se construíssem oratórios nas fazendas.

Os trechos (5), (6) e (7) descrevem com naturalidade a posição bestial e herege da criatura indígena:

(5) “... Não tem nome proprio com que expliquem Deus, mas dizem que Tupã é o que faz os trovões e relâmpagos e que este é o que lhes deu as enxadas e mantimentos e por não terem outro nome mais próprio e natural, chamão a Deus Tupã...” (p. 87).

(6) “... comem todo gênero de carnes, ainda de animais imundos como cobras, sapos, ratos e outros bichos semelhantes...” (p. 88).

(7) “... Antes de comer nem depois não dão graças a Deus, nem lavam as mãos antes de comer e depois de comer as limpam aos cabelos, corpo e paus; não têm toalhas, nem mesa, comem assentados...” (p. 89).

A descrição da figura indígena instaura um autor próprio do século XVI, conservando a distância, acentuando a diferença entre o europeu e o índio, observando-o como experimento, desconsiderando uma cultura própria e original, sendo portador de hábitos horrendos.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A posição avaliativa do autor não está apenas ancorada no Brasil Colônia do século XVI, mas contrasta e reflete o olhar do missionário, cujo país de origem, Portugal, não dispõe do cenário, clima e hábitos descritos.

Importante ressaltar que a posição de distanciamento do autor ao discorrer sobre seu objeto de análise não é somente temporal ou espacial, sua visão ideologicamente marcada

---

<sup>14</sup> Em LEITE, S. *Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil*. São Paulo: Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1956.

reflete e refrata “posições”, delimitando seu olhar e determinando seu alcance em relação a qualquer objeto.

As condições de produção conferem, como dissemos, autoridade ao locutor que presenciou e registrou seu olhar sobre o objeto de análise.

## 8 REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M.; VOLOSHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud. Yara Frateschi Vieira. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoievski**. 3.ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Forense-Universitária, 2002.

BRAIT, B. Estilo. In: BRAIT, B. (org.). **Bakhtin Conceitos-Chave**. Editora Contexto, 2010.

CARDIM, F. **Tratados da Terra e Gente do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980.

GUTIERREZ, S. **Exegese e mítica das cartas do jesuíta Fernão Cardim**. Tese de doutorado defendida no Programa de Língua Portuguesa na PUC/SP, 2015.

HOLANDA, S. B. de. **Visão do paraíso: os motivos edênicos no descobrimento do Brasil**. 6.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1992.

KOERNER, K. **Toward a Historiography of Linguistics: Selected essays**. Amsterdam: John Benjamins, 1978.

\_\_\_\_\_. **Professing Linguistic Historiography**. Amsterdam: John Benjamin, 1995.

SOBRAL, A. **Do dialogismo ao gênero: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin**. Campinas, SP. Mercado das Letras, 2009.

STELLA, P. R. Palavra. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin Conceitos-Chave**. Editora Contexto, 2010.

VOLOSHINOV, V. N. **Freudism**. [Inclui Discourse in Life and Discourse in Art (Concerning Sociological Poetics)] Trad. I.R. Titunik. Nova York: Academic Press, 1976.





**Linguagens  
& Cidadania**